



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA IRACEMA ABREU DO NASCIMENTO**

**O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA RURAL DO CEARÁ: UM ESTUDO DE  
CASO DE UMA SALA MULTISSERIADA**

**FORTALEZA**

**2014**

MARIA IRACEMA ABREU DO NASCIMENTO

O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA RURAL DO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO  
DE UMA SALA MULTISSERIADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
coordenação do curso de graduação em Pedagogia  
da Universidade Federal do Ceará, como requisito  
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula de Medeiros  
Ribeiro.

**FORTALEZA**

**2014**

MARIA IRACEMA ABREU DO NASCIMENTO

O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA RURAL DO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO  
DE UMA SALA MULTISSERIADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
coordenação do curso de graduação em Pedagogia  
da Universidade Federal do Ceará, como requisito  
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula de Medeiros  
Ribeiro.

Aprovada em: 01/12/2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula de Medeiros Ribeiro (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Josefa Jackline Rabelo  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Ma. Alanna Oliveira Pereira Carvalho  
Universidade Federal do Ceará – UFC

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a Deus, pela vida e pelas bênçãos que me são concedidas ao longo dos meus dias;

Aos meus pais Antônia Abreu e José Maria, por todo carinho e afeto dedicado a esta sua filha;

Ao Antonio Filho, marido e companheiro nesta caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, antes de tudo, por me dar força e coragem nesta minha caminhada para a conquista desta oportunidade. Hoje, no dia da minha formatura, me sinto vitoriosa e confiante no meu potencial.

Aos meus pais Antônia e José, pelo carinho e amor incondicional, por sempre me incentivarem.

Ao meu esposo querido e amado, pelos momentos de apoio, incentivo e também pela sua compreensão, confiança e paciência.

A minha irmã Criziana, pela força e carinho pelo empenho de ver meu crescimento e me ajudar a vencer essa batalha, acreditando no meu potencial obrigado.

Ao meu amigo Ribamar Costa, pelas conversas, incentivos e apoio para me continuar a estudar.

Aos professores de toda minha trajetória escolar e universitária que contribuíram para que esse momento se realizasse.

As minhas amigas Rejane, Aurinete Castro, Daiane, Larissa Costa, Claudiana Bezerra, Alcilane, Kênia e Kelly pelas aprendizagens e pelo companheirismo.

À professora Conceição Costa, pela amizade construída, apoio e também pelas aprendizagens.

À professora Dra. Ana Paula de Medeiros Ribeiro, orientadora deste trabalho pela dedicação e profissionalismo.

Às minhas cunhadas Gleice, Nonata e Gleidiana pela compreensão e apoio durante esse processo de formação.

A todos os meus amigos que torceram e contribuíram de alguma maneira para concretização desse momento.

À Universidade Federal do Ceará que está proporcionando a realização de um sonho: fazer a Educação Superior.

Ao curso de Pedagogia, professores, funcionários, colegas e, em especial, à turma 2010.2, que proporciona momentos maravilhosos de respeito, aprendizado, amizade e diversão.

Aos meus amigos que estão sempre comigo e são responsáveis por minha felicidade.

Às minhas colegas de residência universitária, maravilhosas, companheiras, amigas, guerreiras, pacientes e sempre compreensivas, devo muito a estas.

A tia Vilanir, que sempre apoiou e incentivou para a continuação dos meus estudos.

A todos que contribuem direta e indiretamente em minha vida profissional e pessoal.

A meu esposo, que esteve sempre comigo nos momentos difíceis desta caminhada, quando os obstáculos advindos pareciam intransponíveis.

## RESUMO

O presente trabalho teve por finalidade investigar, observar e compreender como as professoras da Zona Rural trabalham o eixo da oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma Escola localizada na comunidade de Calumbi, Distrito de Matias, município de Pentecoste, Estado do Ceará com isso, pretendeu-se analisar o uso sistemático e assistemático do planejamento e a coerência entre o planejado e o realizado, bem como identificar os recursos utilizados no trabalho com a oralidade e as formas de avaliação adotadas pela professora em avaliar a oralidade de seus alunos. Os recursos metodológicos utilizados na apreensão dos dados foram registros das aulas, diário de campo e entrevista com a professora. A base teórica recaiu sobre os estudos de Marcuschi (2001), Travaglia (2005), Vieira (2005) que contribuíram com suas argumentações teóricas sobre a oralidade. A pesquisa se fundamentou também em documentos oficiais tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Como resultado, observou-se que a prática pedagógica deve ser refletida a cada momento e interligada com a importância dos eixos da LP, a professora deve trabalhar o eixo da oralidade utilizando gêneros textuais diversificados, pedir para que o aluno analise o texto produzido pelo outro, ou seja, textos escritos de interesse prático, tais como revistas, jornais de atualidades e anúncios. As atividades sugeridas pela professora também podem ser do oral para o escrito. Conscientes da necessidade de se trabalhar com o processo de produção da linguagem, assim como postulam os estudiosos citados, o ensino de língua materna deve passar primeiro pela produção oral. A contribuição da pesquisa é propor um debate sobre o tema oralidade que precisa ser tratado com atenção nas práticas pedagógicas.

**Palavras – chave:** Trabalho, Práticas Pedagógicas, Oralidade.



## ABSTRACT

This study aimed to investigate, observe and understand how teachers of Rural Region work the axis of orality in the early years of elementary school in a school located in the community of Calumbi, Matias district, municipality of Pentecost, State of Ceara. It was intended to analyze the systematic and unsystematic use of scheduling and coherence between the planned and performed as well as identify the resources used in working with orality and forms of assessment adopted by the teacher to determine the orality of their students. The methodological tools used in the apprehension of data records were field journal and interview with the teacher. The theoretical basis fell on the studies of Marcuschi, Travaglia, and Vieira who contributed with their concepts about orality. The research is also grounded on official documents such as the National Curricular Parameters for Portuguese Language. As a result, it was observed that teaching practice should be occasionally reflected and interconnected with the theories, the teacher must work orality shaft using diverse genres, ask for the student to examine the text produced by the other, that is, written texts of practical interest, such as magazines, newspapers updates and advertisement. The activities suggested by the teacher, also, can be from oral to written.

Aware of the need to work with the language production process, as well as the aforementioned scholars postulate, the mother tongue teaching must, first, pass through oral production. The goal of the research is to propose a debate on the orality subject which needs to be treated carefully.

**Key - words:** Work, Pedagogical Practices, Orality.

## **LISTA**

**PCNL-** Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

**UFC-** Universidade Federal do Ceará.

**LDB-** Lei de Diretrizes e Base da Educação.

**LP-** Língua Portuguesa.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>CAPITULO I - A ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM LEVANTAMENTO TEÓRICO DOCUMENTAL .....</b> | <b>17</b> |
| <b>CAPITULO II - O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A ORALIDADE: O IDEAL E O REAL .....</b>                       | <b>21</b> |
| <b>CAPITULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>  | <b>25</b> |
| 1. Dados da observação .....   | 25        |
| 2. Caracterização da turma .....   | 25        |
| 2.1 Espaço físico .....  | 25        |
| 2.2 Primeiro dia de observação .....   | 25        |
| 2.3 Segundo dia de observação .....  | 27        |
| 2.4 Terceiro dia de observação .....   | 30        |
| 2.5 Dados da entrevista .....  | 33        |
| <b>CONCLUSÕES .....</b>  | <b>35</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>37</b> |
| <b>APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA 3º ANO FUNDAMENTAL .....</b>                                 | <b>39</b> |
| <b>ANEXO A - ATIVIDADE DO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO (09/10/2014) .....</b>                              | <b>40</b> |

## INTRODUÇÃO

A história do processo de educação brasileira vem privilegiando o trabalho com a linguagem escrita. Vivemos na época da informação, a cada olhar visualizamos os mais variados textos e imagens. A fala e a escrita dependem das formações sociais, práticas e interações no meio em que vivemos. Sabe-se que existem diferenças entre ambas: a fala possui uma variação dialetal, aqui não acontece erro, enquanto a linguagem escrita é situar, tem uma norma culta de grande prestígio na sociedade. De acordo com cada momento, o valor e a importância dos usos da linguagem são modificados segundo as demandas sociais de cada momento.

A linguagem oral na maioria das vezes é colocada em segundo plano em detrimento da escrita. No entanto os paradigmas com relação à preocupação com as funções sociais da linguagem, em suas diversas modalidades são recentes na educação, surgiram a partir dos anos 1980, quando os estudiosos começaram a vê-las como práticas sociais diferentes.

A este respeito, Marcuschi (2000, pp. 28-33) explicita que além da visão dicotômica entre fala e escrita, há, também, a culturalista “[...] que observa muito mais a natureza das práticas da oralidade versus escrita e faz análises, sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolve uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção do conhecimento [...] este tipo de visão é pouco adequada para a observação dos fatos da língua”.

Os programas nacionais de educação possibilitam uma alternativa de mudança no processo educacional, através de proposta de trabalho com a linguagem que favoreça essas aprendizagens e essas competências. No âmbito do Ensino Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 2000) apresentam objetivos e conteúdos que envolvem a utilização das diferentes linguagens, verbal, musical, matemática, gráfica e corporal como meio para expressar suas ideias e produções culturais. Mediante todas estas discussões o professor continua sem saber o que fazer e como, para trabalhar a oralidade nas aulas, conforme afirma Ramos (1997). É preciso que sejam inseridas atividades de elaboração textual partindo de situações de fala, para aos poucos, alcançar a produção escrita.

Em síntese, a oralidade engloba a fala e a escuta, pela linguagem se expressa ideias, pensamentos e intenções, na situação de ensino deve ser levado em consideração à realidade dos alunos para que as atividades propostas sejam significantes. De fato, as professoras em seus critérios de avaliação usam de modo adequado os recursos didáticos e tempo disponível? Relacionam-se / interagem com os alunos? Têm coerência entre o planejado e o realizado?

Em função dessa importância, o trabalho pedagógico com a oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental constitui o objeto de estudo deste trabalho na perspectiva da aprendizagem da leitura e da escrita de crianças em processo de alfabetização. O foco desta pesquisa é investigar as práticas pedagógicas acerca da oralidade das professoras da zona rural.

A presente pesquisa pretende discutir a questão: como as professoras compreendem a importância da oralidade para utilizar as diferentes linguagens? Como objetivo geral, relativo à questão de pesquisa, procurou-se, então, investigar as práticas pedagógicas acerca da oralidade das professoras da Zona Rural. Para alcançarmos isso, propomos como objetivos específicos: 1) analisar o planejamento das professoras, 2) identificar os recursos didáticos utilizados pelas professoras no trabalho com a oralidade, 3) identificar as formas de avaliação adotadas pelas professoras para avaliar a oralidade.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado a oralidade no ensino da Língua Portuguesa: os que dizem os documentos legais discorreram sobre as teorias recentes da sociolinguística e sobre como a oralidade aparece nos PCNLP. No segundo capítulo, intitulado o trabalho pedagógico com a oralidade: o ideal e o real colocaram em evidência o enfoque sobre a prática docente com a oralidade, fazendo uma discussão sobre como deve ser o trabalho didático com a realidade. No terceiro capítulo, analisam-se e discutem-se os dados coletados em campo.

Resolvemos falar sobre o trabalho pedagógico com a oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Zona Rural do Ceará porque durante a formação básica, surgiram questionamentos a respeito das práticas pedagógicas das professoras que estimulavam mais a escrita. Os alunos tinham sempre que escrever e responder atividades do livro didático e questionários para prova, não aconteciam discussões sobre os conteúdos expostos em sala de aula. Por este motivo o interesse em analisar e estudar esse tema tornou-se ainda mais forte mediante discussões feitas na disciplina de Educação Infantil,

ministrada pela professora Silvia Helena Vieira Cruz. Na faculdade, discutíamos a importância de escutar o aluno e levar em consideração suas perguntas, seus conhecimentos prévios de acordo com seu cotidiano e experiências vivenciadas. No entanto, ouvi depoimentos de algumas pessoas em relação à atitude de algumas professoras que não dão atenção ao que as crianças falam, algumas professoras falam o tempo todo e as crianças ficam quietas.

Segundo Paulo Freire (1996, p.38), ‘‘ a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o momento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer’’.

No processo de ensino e aprendizagem é necessário ouvir, observar e escutar as crianças. O aluno deve ser o centro do processo de ensino e aprendizagem, tudo deve ser planejado e elaborado para desenvolver a criança de forma integral.

Antes de elaborar seu planejamento o professor deve refletir e levar em consideração os aspectos de como os conhecimentos prévios das crianças, a realidade vivenciada pelas mesmas e analisar se suas atividades são capazes de formar pessoas ativas, curiosas, indagadoras, comunicativas e transformadoras da realidade. Portanto, deve refletir sobre sua prática docente antes, durante e depois. Podendo, desta maneira, identificar o que deu certo e o que precisa ser mudado para alcançar o objetivo de aprender.

O professor não deve barrar a curiosidade da criança. Deve incentivar a sua imaginação e interação, propiciando sua relação consigo mesma e com o outro, além deles com o professor. ‘‘O professor precisa, portanto, de uma teoria que explicita a direção pretendida para a tarefa educativa de humanização do homem, extraída de uma concepção de educação enquanto prática social transformadora.’’ (LIBÂNEO, 2006. p. 78).

Deve entender que cada aluno tem um ritmo para aprender uma mesma coisa ou conceitos diferentes. Levar também em consideração as experiências e demonstrar à criança que ela deve confiar nela mesma.

Libâneo defende uma escola que com seus métodos alcance as classes menos favorecidas, que prepare o aluno para o mundo. Uma escola acessível a todos e que garanta um bom ensino. Que leve em conta as transformações do mundo contemporâneo, um ensino adequado à realidade do aluno da classe popular. Segundo Libâneo (2006, p.

12), “democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajuda-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade”.

Portanto, ao organizar suas atividades, o professor deve ser criativo, crítico questionador e fazer relação entre teoria e prática. Ter humildade de que não sabe tudo, reconhecer que aprendemos através, da interação um com o outro, respeitar, saber ouvir e permitir que a criança expresse seu pensamento, valorizar a identidade de cada uma, as emoções, os desejos e as inseguranças.

Pretendemos, com este estudo, contribuir para o trabalho do professor, fornecendo-lhe alguns subsídios no processo de ensino e aprendizagem, apresentando-lhe ideias acerca da oralidade e que a aprendizagem acontece através do diálogo. Penso que a professora por meio da observação e da escuta deve estimular a fala da criança. Ela deve levar em consideração seus conhecimentos prévios para elaborar seu planejamento. É de fundamental importância que a professora proponha atividades que promovam o desenvolvimento da competência linguística da criança. Esse desenvolvimento é importante para o exercício de sua cidadania, visto que o domínio da língua é importante para comunicação, para expressar sentimentos, ideias, sendo ainda um instrumento para o acesso de informações e conhecimentos.

A realização deste trabalho é, portanto, resultado da vontade de investigar as práticas pedagógicas das professoras para que possa auxiliá-las no saber fazer no eixo de oralidade da LP. O intuito também foi à busca por maiores conhecimentos da temática e a vontade de contribuir para a reflexão sobre as práticas docentes voltadas para a aprendizagem a respeito da língua que falamos e a importância que ela tem para a aquisição da escrita.

A metodologia está organizada em quatro subseções: 1. Tipo de pesquisa; 2. Sujeitos observados; 3. Locus da pesquisa 4. Instrumentos e técnicas de coletas de dados.

## 1. Tipo de Pesquisa

O desenvolvimento do trabalho ocorreu por meio de uma pesquisa descritiva, que buscou descrever como o fato investigado ocorre fazendo a reflexão, a análise e a interação com as referências. A elaboração do trabalho encontrou apoio em produções e concepções de importantes autores sobre a oralidade. Segundo o procedimento de coleta é uma pesquisa de campo, pois a coleta de dados foi feita no local em contato direto com o fenômeno a ser estudado: as práticas pedagógicas das professoras da Zona Rural com relação ao eixo oralidade no ensino da LP.

Segundo a natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa dá conta de uma parcela da realidade que não pode ser mensurável, trabalhando, desse modo, com o universo dos significados, das ações e das relações humanas, com a subjetividade, com o modo como os sujeitos pensam e compreendem suas vidas. (BOGDAN E BIKLEN, 1994; TRIVIÑOS, 1997 apud SILVA, 2007).

## 2. Sujeitos

Para a pesquisa, foi selecionada uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, período que os alunos são alfabetizados, pois é uma etapa que são inseridas de forma mais abrangente no mundo da leitura e da escrita. Neste trabalho foi essencial a análise do perfil dos alunos que participaram da aula, já que são eles os reais sujeitos sobre os quais circundam todos os processos do ensino- aprendizagem.

A sala, na qual foram realizadas as observações para a pesquisa, possuía onze (11) alunos regularmente matriculados. Desses, se faziam presentes, em média, oito (8). O que pode ser descrito aqui a respeito das atitudes dos alunos é que todos, sem exceção participam das atividades propostas pela professora, respondiam as atividades de casa, acompanhavam a leitura feita pela professora.

## 3. Lócus da pesquisa

O presente trabalho foi realizado em uma escola pública da zona rural do Município de Pentecoste. A preferência por realizar a pesquisa em uma escola pública se deu por minha formação ter ocorrido exclusivamente na rede pública de ensino da zona rural, além de ser o ambiente de trabalho no qual buscarei ser inserida quando concluir o curso de pedagogia.



Os critérios de escolha da escola para a realização da pesquisa foram, então, os seguintes: ser pública e oferecer o Ensino Fundamental etapa da educação básica. Para a pesquisa foi selecionada a turma do 3º ano do fundamental, pois é uma etapa em que as crianças já estão inseridas de forma mais abrangente no mundo da leitura e da escrita, período que os alunos devem estar alfabetizados.

Atualmente, a escola oferece educação infantil, Ensino Fundamental 3º e 5º ano. Dispõe em suas instalações físicas: 01 sala de aula, 01 cantina, 02 banheiros e 01 pátio interno. Não tem geladeira, possui apenas dois filtros e não tem equipamentos de comunicação TVs, computadores, aparelhos de DVD, antena parabólica, fotocopiadora e telefone.

O material didático disponível na sala é pouco: 04 jogos, 07 dicionários, vários livros que não são utilizados. A escola que realizei a pesquisa é anexa de outra de uma localidade vizinha. O material e a merenda são demandados pela diretora para outra escola. Se a professora quer imprimir alguma atividade, gasta suas próprias folhas de ofício e tinta de sua impressora. O pincel e tinta para recarregá-lo foram comprados pela professora da turma.

#### 4. Instrumentos e técnicas de coletas de dados

As técnicas de coletas de dados utilizadas na pesquisa foram observações e entrevista. O período de observação aconteceu entre os dias nove a dezesseis de Outubro. Durante as aulas observei os seguintes aspectos: quantidade de alunos em sala de aula, atividades desenvolvidas pela professora, recursos didáticos utilizados, participação e envolvimento dos alunos nas atividades, a conduta didática da professora. Além disso, as suas atitudes com relação aos alunos e com minha presença em sala de aula. Estes aspectos estavam escritos em um roteiro, e as observações foram anotadas em um diário de campo que ao longo da análise serão apresentadas.

A entrevista com a professora do 3º Ano do Ensino Fundamental foi realizada no dia 16 de Outubro último dia de observação, as perguntas estavam escritas em meu diário de campo, usei o celular para gravar a entrevista. Antes a professora pediu para ler as perguntas, para começar a responder as questões a respeito de como trabalha o eixo da oralidade com seus alunos, os recursos didáticos utilizados, a maneira como avalia a oralidade de seus alunos, contido no Anexo entrevista.

Antes de começar a entrevista a professora argumentou que deveria ter mostrado as perguntas antes, para que ela pudesse responder as questões.

## **CAPÍTULO I – A ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM LEVANTAMENTO TEÓRICO-DOCUMENTAL**

Este capítulo apresenta as teorias recentes a respeito da sociolinguística e aborda como a questão do eixo oralidade aparece nos parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa. Enfoca também que oralidade engloba a fala e a escuta.

A linguagem depende do contexto social do indivíduo, cada língua organiza uma sociedade, impondo um modo de vida e certos valores. Como afirma Marcuschi (1993, p.62-3), “a informalidade, a repetição e a fragmentação “[...] não são exclusivos da fala, mas nela se evidenciam com mais ênfase”. Isso devido à interação entre o escritor e o leitor acontecendo, sendo assim, um processo de produção, planejamento e execução do que está sendo dito.

Os PCN de Língua Portuguesa trazem a importância dos professores abordarem em sala de aula textos orais e escritos, pois o português apenas na língua escrita é insuficiente. É preciso fazer os alunos refletirem a respeito da língua que falamos e de sua importância para aquisição da escrita. Segundo Fávero et al, (1999, p. 13), “[...] o ensino da oralidade não pode vir isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois mantém entre si relações mútuas e intercambiáveis”.

Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa - PCNLP foram elaborados em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB para orientar a prática docente, também apresentam propostas que valorizam a criticidade e a participação do aluno diante de sua língua. Apresentam, ainda, uma diversidade teórica para embasar o ensino. No entanto, a maioria dessas teorias ainda é desconhecida pelos professores, o que vem dificultando uma proposta de trabalho mais adequada e eficiente. O que os PCN vêm criticar é que “[...] muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há tempo aula específica leitura / literatura, estudos gramaticais e produção de texto, como se estas não tivessem relação entre si” (p.16).

As propostas didáticas dos Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam uma síntese das teorias sobre o processo de ensino – aprendizagem de língua materna.

Sua orientação é de trabalhar o estudo de língua materna numa perspectiva interdisciplinar, voltando o seu enfoque para reflexão do uso dessa língua na vida e na sociedade.

Nesse documento também podemos encontrar a definição de língua e comunicação que servirá para dar suporte à da concepção que utilizaremos na análise da postura adotada pela professora por nós observada. Vejamos o que os PCN dizem a esse respeito:

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e “ desconstrói” significados sociais. A língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente emergulhado. Não a língua distanciada do contexto social vivido. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar (BRASIL,2000, P.17).

Muito se discute sobre a prática pedagógica que deve ser utilizada pelo professor, relação entre teoria e prática, visto que a dificuldade está em perceber que ambas se complementam. O professor deve fazer uma reflexão crítica sobre sua prática se está procurando fazer uma relação entre teoria e prática. Avaliar se ao planejar as atividades leva em consideração os conhecimentos de cada criança, as emoções, se estimula a curiosidade, o respeito ao outro, se estimula as crianças a fazerem uma reflexão crítica da realidade que estão inseridas. O contexto social deve ser à base da prática pedagógica do professor. Portanto, sua prática deve ser embasada em um conhecimento teórico.

Vivemos na época da tecnologia, na qual circulam inúmeras informações a todos os momentos, que são divulgadas através da televisão, rádio, livros e redes sociais.

Entretanto, mesmo estando em contato com toda esta diversidade de informação, em algumas escolas pode-se constatar, no que se refere à leitura, que os alunos sentem dificuldade com relação à compreensão e produção de textos.

Outro autor que também pode nos dar embasamento para este trabalho é Travaglia (1998), o qual defende que:

(...) o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão- somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mais sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. (p.27)

Portanto, a concepção de língua que norteia este trabalho é a que vem destacada nos PCN, que defende a língua no seu aspecto interacionista e social:

A língua compreendida como linguagem que constrói e desconstrói significados sociais. A língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar (BRASIL, 2000, p.17)

A professora deve incentivar uma relação de proximidade entre seus alunos, incentivando-os a participar, a ler e analisar o que foi exposto, através das resoluções e debates das atividades, em que os alunos possam fazer a leitura das questões, compartilhando suas respostas com os demais colegas. Dessa maneira, ela estimula os alunos por meio das suas próprias respostas. Essa postura vem sugerida, portanto, os PCN, que dizem:

O estudo da língua materna deve, pela interação verbal, permitir o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos. Apenas considerando-a como linguagem, ação em interação, podemos atender comunicabilidade esperada dos alunos (BRASIL, 2000, p.17-18)

Aprendemos na interação e compartilhamento das ideias, quando os assuntos das aulas são mesclados com assuntos que lhe são atrativos, os alunos mostram interesse e participam, promovendo uma aprendizagem mais significativa. Dessa forma, com o exposto acima, podemos verificar que quando um assunto é do interesse deles a aula é bem mais proveitosa e eles a valorizam, participam e colaboram. Do contrário, a atenção vai se esvaindo e a aula vai perdendo seu propósito de interação social e os objetivos não são alcançados. É o que Vieira (2005) analisa no trecho a seguir:

Quando livros ou programas existentes não fazem sentido é necessário modifica-lo e propor atividades significativas. É preciso dinamizar a escola, para que ela acompanhe o ritmo do conhecimento em cada área e possa servir, de fato, a formação de cidadãos capazes de participarem plenamente da vida social, usufruindo de bens culturais existentes. (VIEIRA, 2005, p.27)

A professora deve tentar dinamizar o máximo possível, trazer material e conteúdo pertinente, o qual envolva uma situação real de uso interagindo o tempo todo com exemplos do cotidiano a respeito do que os alunos sabem, assistem e convivem. Com tal postura, há dedicação e participação da turma. Enfim, vemos que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos nossos educadores no processo de ensino e de aprendizagem. Mas, acreditamos que assim, com pequenas atitudes, um dia chegaremos ao ideal desejado, pois ainda acreditamos na melhoria do nosso sistema de ensino. E nos tornarmos conscientes dessa necessidade de melhoria nos empenharemos ainda mais para vê-la efetivada.

## **CAPITULO II – O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A ORALIDADE: O IDEAL E O REAL**

No meio educacional torna-se cada dia mais relevante a questão de inserir a linguagem oral no ensino de língua materna. Portanto, diante de tantas discussões a respeito da escrita e da oralidade, vimos que ambas constituem práticas de usos da língua, ou seja, possuem características próprias, têm sua importância para realidade humana, são variedades linguísticas distintas. Porém, um dos problemas ocorridos quando falamos do ensino de língua materna, é o método que o professor utiliza para ensinar os alunos sua própria língua. Mediante esta situação, o ensino de língua portuguesa pode se restringir somente ao uso da gramática normativa.

O professor deve mostrar para o aluno que existe uma variedade de formas na linguagem oral. Deve considerar os conhecimentos trazidos pelos alunos para sala de aula, procurando promover sua ampliação. É, portanto, função da escola assegurar o aluno o exercício pleno da cidadania, oferecer experiências em atividades discursivas como debates, entrevistas, seminários sobre diferentes temas. Desta maneira, deve-se possibilitar um espaço de rica interação e de ensino e aprendizagem para que os alunos tornem-se pessoas críticas confiantes capazes de lutar por seus direitos. Diante do que foram expostos, os alunos em contato com estes diferentes recursos discursivos vão escolher a forma da fala que podem utilizar em determinada situação comunicativa, adequando-se à variedade de língua e de estilo.

Segundo Marcuschi (1997), atividades que sugerem análise de conservação espontânea, seus aspectos linguísticos e discursivos, ou a diferença de abordagem dos temas, de acordo com a modalidade escrita ou oral, são importantes para mostrar como se estruturam os textos orais. Em síntese, todos estes aspectos buscam uma participação ativa do aluno, na construção do conhecimento e de sua criticidade, ou seja, o professor de português deve ter suas práticas pedagógicas firmadas no tripé: língua/leitura/produção, considerando oralidade e escrita sem priorizar apenas os conceitos de certo ou errado. Assim, o professor e o aluno se beneficiam no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, o ensino de língua materna deve passar primeiro pela produção oral, sabendo disso, temos a necessidade de se trabalhar com o processo de produção da linguagem. Existe, pois, a dificuldade de se conciliar estes dois aspectos relevantes para sociedade humana, a oralidade e a escrita, que diante de todos estes

aspectos emerge a necessidade de buscar novas estratégias para levar os alunos a melhorar sua produção textual, tanto oral como escrita.

É preciso compreender que variação linguística é a maneira peculiar que cada aluno tem de falar, portanto é dever do professor respeitar o modo que cada um tem de se comunicar, fazendo com que eles valorizem sua própria língua e tornem-se pessoas críticas participativas e atuantes, política e socialmente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 39) afirmam que “[...] a gramática de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano, uma prática pedagógica que vai da metalinguagem para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura”. É o que vem acontecendo com o ensino de língua portuguesa quando os professores tendem a tratar a fala como se fosse o conteúdo em si, não como um meio de mostrar variação. Para Travaglia (2005), nas aulas de Língua Portuguesa há sempre uma ausência de atividades que envolvem a produção e compreensão de textos, necessárias para a capacitação do aluno.

Segundo Silva (2002), a grande rejeição que ainda se tem ao falar de variação linguística ocorre em função da visão imposta pela gramática normativa que repudia qualquer fenômeno ocorrido em torno da língua. Para Silva (2002), a escola não apresenta outro manual que dispõe e reflita a variação linguística na sociedade, mantendo-se assim presa à gramática.

Os Parâmetros ressaltam que talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. E quando o fez foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos por não ser coincidente com a variedade linguística do prestígio social. “Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é”. (BRASIL, 1997, p. 49). Portanto, levar em consideração o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático relevante para o professor que pretende realmente ensiná-lo sua língua. O aluno é o sujeito da ação de aprender, por isso, é importante que a escola esteja atenta ao ensino da língua. Desta maneira, o processo de ensino não se concentra apenas nas normas cultas e rígidas, compreendendo que o ensino de língua portuguesa terá sucesso quando a escola estimular cognitiva e linguística do aluno através de sua competência oral e escrita. O conhecimento



que o aluno já possui deve ser o ponto de partida para o ensino de língua materna, ou seja, a língua oral para a escrita.

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma **postura**. [Grifo do autor] (Marcuschi, 1997:39)

O professor deve saber o que fazer para trabalhar a oralidade nas aulas, em que possibilite que os alunos sejam expostos a situações linguísticas concretas produzidas pelos mesmos, ou seja, algo concreto, sob determinadas condições de produção, procurando mostrar que existem outras formas de linguagem, diferentes da que ele utiliza em seu cotidiano com seus amigos e familiares. Portanto, para que aconteça uma prática docente coerente com a que está exposta nos materiais didáticos e nos documentos oficiais de educação PCN e LDB e teorias recentes que abordam a questão da fala, escuta e escrita, temos que ter um olhar crítico e reflexivo sobre a prática, em busca de compreender com maior clareza o objeto de saber a ser tratado em nossos espaços escolares, assim como os materiais didáticos que fundamentam a prática docente. Deve organizar de forma bem lógica a sequência dos conteúdos e as atividades, não esquecendo nada importante, sempre procurando consultar livros especializados, que aborde o essencial sobre o assunto que deseja abordar de maneira bem compreensível.

O contexto de vida de cada aluno deve ser levado em consideração, componentes de ordem social, econômica e cultural, pois as diferenças são significativas para a questão da aprendizagem. Portanto, cabe ao professor trabalhar cuidadosamente cada uma das experiências individuais antes de avançar para fatos mais distantes e elaborar conceitos. Entretanto, a padronização dos currículos escolares é coerente com o pressuposto de que todas as crianças são iguais em suas histórias de vida, e provavelmente, assume que as diferenças não contribuem de maneira significativa para o processo de aprendizagem dos alunos.

O processo de educar é exercido em contextos institucionais e sociais organizados de maneiras diversificadas, com condições de trabalho profissional variável, que tem singularidade de ações e tarefas, complexidade de papéis e funções, que exigem

do professor capacitação pessoal e profissional e uma compreensão de sua ação pedagógica.

## CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo está organizado em duas subseções que apresentam dados da entrevista e das observações. Na primeira sessão, são apresentados os dados da observação e na segunda sessão, os da entrevista.

### 1. Dados da observação

Foram realizados três dias de observação para investigar as práticas pedagógicas da professora acerca da oralidade.

### 2. Caracterização da turma

#### 2.1 Espaço físico

A turma observada estuda em uma sala onde as cadeiras e mesas ficam muito próximas umas das outras e o saldo de espaço da sala é bastante reduzido. A turma tem 11 alunos matriculados, é mista e multisseriada, composta por quatro alunos do terceiro ano e sete alunos do quinto do ano ambos do Ensino Fundamental. No primeiro dia de observação, só havia 8 alunos, 8 no segundo dia e 8 no terceiro dia.

A sala possui poucas cadeiras e duas mesas pequenas com quatro cadeiras que são utilizadas pela manhã pelas crianças da Educação Infantil.

Há poucos brinquedos, a parede é decorada, tem um quadro branco, um ventilador que não estava funcionando e possui pouco material didático.

#### 2.2 Primeiro dia de observação

A professora reuniu a turma de mãos dadas para acolhida rezar “o Pai Nosso”. Depois, fez a chamada e correção das atividades de casa. Em seguida, a professora escolheu e leu uma história O galo e a raposa, fábula de Esopo. A professora apresentou a história, falou o nome do autor e da tradutora.

A professora leu a história em voz alta para a turma. Após a sua leitura, pediu que todos os alunos fizessem uma leitura individual e depois paragrafada. Ao terminar, os alunos se dividiram em duplas para responder as atividades relacionadas à história lida. A professora atendeu a cada dupla tirando as dúvidas e dificuldades dos alunos a respeito das atividades propostas. A professora realizava perguntas que foram respondidas com empolgação pelos alunos.

Para resolver a atividade, a professora foi explicar que a história era um gênero textual fábula que tem características próprias, possui uma moral, é uma narração curta sendo os personagens animais. Cada dupla pegou o dicionário para procurar o significado da palavra fábula e copiaram no caderno e leram em voz alta.

Na prática da sala de aula, a professora utilizou leitura em voz alta e pontuou alguns aspectos gramaticais não possibilitando aos alunos a prática de produção de texto e análise e reflexão sobre a língua da maneira deles.

A professora explicou e escreveu no quadro branco a palavra pronome e seu significado no quadro (palavras empregadas para substituir ou acompanhar um substantivo). Depois do conceito, escreveu os pronomes pessoais do caso reto: eu, tu, ele ou ela nós, vós, eles ou elas e, em seguida, explicou os pronomes pessoais no caso oblíquo: me, mim, comigo, te, ti, contigo, o, a, lhe- se, consigo, conosco, convosco, o, as, lhes, se, si.

Após a explanação, ela propôs a seguinte atividade:

1. Copie as frases e sublinhe os pronomes oblíquos:

- a) Quem está me chamando?
- b) Leve consigo o fantasma sem pernas!
- c) Eu já lhe entreguei o picolé?
- d) Traga um travesseiro macio para mim.

Os alunos se dedicaram a realização das atividades e pareceram não sentir dificuldades. Quando voltaram do intervalo, os alunos sentaram-se em suas cadeiras e realizaram novas tarefa Os alunos escrevem a agenda com bastante rapidez. Ao concluir a agenda, a professora apresentou aos alunos o Jogo Loto tabuada, propôs a realização de um bingo de número, no qual a professora entrega para cada aluno uma tábua que contém

as operações matemáticas de multiplicação e cada aluno deveria responder as operações e copiar os resultados no caderno formando, desta maneira, sua cartela do bingo. A professora foi sorteando os números e os alunos marcaram com x quando tinha aquele número chamado. Quem preenchesse todos os resultados, seria o ganhador.

Após, a realização desta atividade, a professora explicou e escreveu que a divisão é o inverso da multiplicação. Fez alguns exemplos de como encontrar os divisores dos números.

Atividade:

2. Encontre os divisores de:

- a) 4
- b) 5
- c) 6
- d) 8
- e) 9
- f) 10
- g) 12

As atividades foram respondidas com a colaboração da professora que perguntava aos alunos quais os resultados das questões.

### 2.3 Segundo dia de observação

A professora reuniu a turma de mãos dadas para acolhida rezar “o Pai Nosso”. Depois, fez a chamada e correção das atividades de casa. Mostrou para a turma uma caixa na qual tinha um animal mais feroz. Era uma dinâmica em que foi solicitado aos alunos que sentassem no chão e escutassem a música. “Passa a caixa pela roda, sem a roda desmanchar, se você ficar com a caixa uma palavra vai falar.” Cada aluno deveria falar palavras que rimassem com leão. Quem não dissesse sairia da brincadeira. No final, a professora abriu a caixa e retirou a palavra leão.

Em seguida, pediu para que os alunos se dividissem em dois grupos o do terceiro ano e quinto ano, com o mesmo texto de História do livro Letramento e Alfabetização (Girassol) saberes e afazeres do campo (Tania Mares). Da monarquia para República, processo que durou 50 anos. A professora indagou:- Vocês já ouviram falar em monarquia? E os alunos: disseram que era uma forma de governo que passa de pai para filho.

Os alunos pesquisaram no dicionário os significados das palavras Monarquia e República, escreveram no caderno e leram em voz alta. A professora deu continuidade à aula escrevendo no quadro branco as seguintes informações: 15 de Novembro de 1889, dia da proclamação da república e em 13 de Maio 1888 aconteceu a Abolição dos escravos. Em relação ao assunto escravidão indagou aos alunos: Por que será que a princesa Isabel assinou a Lei Aurea? Será que era por que ela era boazinha? Interligou os assuntos com a realidade e falou sobre as eleições e os representantes do governo.

A professora pediu para os alunos abrirem o livro de história na página 185, para fazer uma leitura paragrafada. Observou-se que os alunos leram rapidamente, não dão pausa nas vírgulas e a professora chamou atenção para isso.

O texto utilizado foi o mesmo para o terceiro e quinto anos, no entanto as atividades foram diferenciadas enquanto o quinto respondeu as atividades do livro, a professora escreve no quadro branco as atividades do terceiro ano.

#### Atividades:

1. Quando aconteceu a libertação dos escravos?
2. Quando aconteceu a Proclamação da República?
3. Que lutou pelo fim da Monarquia?
4. Quem era Dom Pedro II no período da Monárquico.

A professora Iúta Leche Vieira, da Universidade Estadual do Ceará, em seu livro Escrita, para que te quero? Aborda a escrita como objeto de uso e de ensino. Nessa obra, ela postula que “[...] o maior desafio no ensino da linguagem escrita é, na verdade fazer as crianças entenderem seus propósitos e conversões” (p.47).

Segundo a referida autora, ocorre que a linguagem falada e escrita geralmente produzida na escola, assim como as situações de leitura ali apresentadas, não desempenha uma função comunicativa real. Para Vieira (2005),

[...] a leitura do material costuma ser feita de forma mecânica e desprovida de sentido, como se o único objetivo da leitura fosse o de mostrar que sabe decifrar palavras e produzir um coro bem entoado. Não se pratica a leitura verdadeira, aquela que traz novas informações e estimula o diálogo, que encanta o leitor e o desafia a ler mais e mais. As tarefas de escrita também são atividades rotineiras, quando não repressoras, como se escrever fosse um ato isolado ou uma atividade inteiramente desprovida de sentido (VIEIRA,2005, p.48).

Desse modo o que ela vem nos propor é que:

Se queremos encorajar as crianças a produzirem linguagem falada complexa, deveríamos coloca-las em situações sociais onde possam iniciar trocas conversacionais, ao invés de apenas responderem questões literais óbvias (VIERIA,2005, p.47-48).

Após voltar do intervalo, a professora escreveu no quadro branco a palavra substantivo, indagam se eles sabem o que é um substantivo e pede para os alunos pesquisarem o significado da palavra substantivo e ler em voz alta.

Após a realização desta atividade a professora explicou e escreve que os substantivos podem ser:

Próprio: É aquele que dá nome a seres de várias espécies.

Comum: Aquele que dá nome a seres da mesma espécie.

Coletivo: Noção de conjunto ou vários.

Primitivo: Palavra primeira, ou seja, aquela que dá origem a outras.

Derivado: Nasce de outra palavra.

Simples: Que tem um único sentido.

Composto: Que tem sentido de mais de uma palavra junta.

Concreto: O que existe por se só.

Número: Que dá ideia de quantidade.

Gênero: Que define masculino e feminino.

Grau: Formas de tamanho.

Atividade:

1. Escreva os nomes dos colegas em ordem alfabética.
2. Escreva os nomes dos lugares vizinhos do seu.

Na atividade de casa, a professora pediu que os alunos produzissem um anúncio no qual eles venderiam um produto próprio ou comum.

#### 2.4 Terceiro dia de observação

A professora reuniu a turma de mãos dadas para rezar o Pai Nosso. Depois, fez a chamada e correção das atividades de casa. A disciplina explorada nesse dia foi a Ciências, os animais vertebrados e invertebrados. Antes de iniciar, a professora fez uma dinâmica na qual os alunos deveriam ficar de pé se os animais citados tivessem vida e de cócoras se os animais não tivessem vida, de acordo com eles erravam tinha que sair da brincadeira e sentar na cadeira e observar os outros brincando. Depois, foi o momento da leitura para deleite: O desfile dos Bichos apresentou o autor e ilustrador leu em voz alta apresentando as gravuras. Através, destas gravuras com ajuda da professora, os alunos classificaram os animais nos seguintes grupos: mamíferos, répteis e aves. Os alunos pesquisaram no dicionário os significados das palavras vertebrados e invertebrados. A professora escreveu no quadro branco o seguinte texto e os alunos copiaram: os animais foram reunidos em dois grandes grupos. Levando em conta a presença ou não de coluna vertebral. Assim temos os grupos dos vertebrados e invertebrados. Na maioria dos animais vertebrados a coluna vertebral compõe-se de uma série de pequenos ossos, as vértebras que fazem parte do esqueleto. Levando em conta certas características, os vertebrados são divididos em cinco grupos menores: peixes, aves, anfíbios, répteis e mamíferos.

Os alunos estudaram somente os grupos dos vertebrados. Depois da explicação, foram divididos em duas equipes: A equipe 1 ficou com os respectivos grupos peixes e aves e a equipe 2 anfíbios, répteis e mamíferos, as equipes escreveram na cartolina as características e exemplos de animais de cada grupo em seguida apresentaram o trabalho.

Após voltar do intervalo, a disciplina estudada foi a Matemática, cujo assunto era: Medidas de Comprimento. A professora fez uma introdução do assunto falando que



o modo como se media as coisas antigamente era diferente, não existiam muito objetos usados para medir. A professora indagou: - vocês querem descobrir quantos metros tem a sala de aula? Então, cada um de vocês vão medir com seus passos o comprimento e a largura e anotar em seus cadernos, em seguida vão medir os passos e marcar com giz e depois a professora mediu com a fita métrica quantos centímetros deu os passos de cada um. Desta maneira os alunos calcularam os números de passos que deram e multiplicaram pelos centímetros, eles gostaram muito de realizar a atividade todos participaram ativamente e com entusiasmo.

Dessa forma, como exposto acima, podemos verificar quanto à atitude dos alunos, que, quando um assunto é do interesse deles, a aula é bem mais proveitosa e eles a valorizam, participam e colaboram. Do contrário, a atenção vai se esvaindo e a aula vai perdendo seu propósito de interação social e os objetivos não são alcançados. É o que Vieira (2005) prevê com suas palavras:

Quando livros ou programas existentes não fazem sentido é necessário modifica-lo e propor atividades significativas. É preciso dinamizar a escola, para que ela acompanhe o ritmo do conhecimento em cada área e possa servir, de fato, a formação de cidadãos capazes de participarem plenamente da vida social, usufruindo de bens culturais existentes. (VIEIRA,2005, p.27)

No caso da aula observada isso não aconteceu, pois a professora tentou dinamizá-la ao máximo. Trouxe um conteúdo pertinente, o qual envolvia uma situação real de uso, interagiu todo o tempo e deu exemplos do cotidiano a respeito da medida de comprimento o Metro que os alunos utilizaram para medir a sala de aula. Como resultado de tal postura, houve uma dedicação e a participação de quase toda a turma.

É interessante comentar o esforço da professora em sustentar uma relação de proximidade com os seus alunos: sempre os incentivava a participar, a ler os textos analisados, caminhava pelas carteiras, preocupava-se em saber o nome de cada um, dentre outras atitudes. Infelizmente, apesar de se empenhar para conservar um ambiente adequado para interações que favorecessem o estudo e o debate, diversas vezes ela precisou chamar a atenção da turma e, até mesmo, levantar a voz para aqueles que insistiam em um mau comportamento.

A professora explicou e escreveu no quadro branco que a medida fundamental de comprimento é o metro. O metro tem 1000 milímetros, 100centímetro, e 10 decímetros. Ela foi a cadeira dos alunos mostrando a régua e perguntando quantos

centímetros, decímetros tinha a régua alguns alunos conseguiram responder, outros tiveram dificuldades.

Atividade:

1. Qual o seu tamanho?
2. Qual o tamanho de seu pé?
3. Qual o tamanho de seu palmo?
4. Quantos palmos dá o seu caderno?
5. Qual é a medida fundamental?
6. Um metro tem quantos:

- a) Milímetros: -----
- b) Centímetros: -----
- c) Decímetros: -----

Esta atividade foi de casa os alunos deveriam pedir ajuda a seus familiares para medir o que foi pedido pela professora. Todos os alunos copiaram rapidamente, se despediram e foram embora. Ao término da aula, fiquei na sala de aula com a professora e realizei a entrevista. A coleta de informações a respeito das práticas pedagógicas demorou quase duas semanas, primeiro porque só consegui falar com a professora, terça-feira, e ela disse: - Que poderia me receber na sala de aula no dia 09/10. No dia 13/10 a professora estava doente e quem veio dar a aula foi outra pessoa fui observar pensando que a professora da turma estava, no entanto tive que ficar, pois a escola fica longe da minha residência e só poderia voltar no transporte escolar junto com os alunos. No dia 15/10 foi feriado do dia do professor, então só pude terminar a observação e a entrevista no dia 16/10. A professora não ficou à vontade comigo observando suas aulas, não cedeu os planejamentos, embora tenha pedido duas vezes. Esta atitude dificultou a minha análise documental, pois só tive como dados as minhas observações e anotações do meu diário de campo.

A entrevista foi realizada no último dia de observação, sugestão da professora da turma, de antes de começar a gravar pediu para ler as perguntas e indagou:- Você poderia ter mostrado estas perguntas antes para facilitar minhas respostas. Esta proposta

da professora demonstrou sua insegurança em responder as perguntas a respeito da oralidade.

## 2.5. Dados da Entrevista

Com relação à maneira como a professora trabalha o eixo da oralidade com os seus alunos, a professora respondeu o seguinte:

Trabalho o eixo da oralidade, através de histórias para desenvolver neles a perspectiva de gosto pela leitura, com perguntas orais, fazendo questionamentos orais após a leitura de uma história ou texto. Trabalho com os alunos sempre fazendo perguntas utiliza os personagens e gravuras algo mais criativo que puder, para ver se desperta nos alunos o gosto pela leitura.

Constatamos que a fala da professora é desatenta aos parâmetros legais. De acordo com os PCN de Língua portuguesa, a língua deve ser estudada [...] como objeto de conhecimento em diálogo, já que o aluno domina, em diferentes graus seu uso social” (BRASIL, 2000, p.17). O eixo da oralidade também deve ser trabalhado com diversos gêneros orais e variação linguística.

O recurso didático utilizado pela professora para trabalhar a oralidade com os alunos é a roda de conversa, através de questionamentos a respeito do que foi lido. Segundo a professora, o recurso didático mais utilizado para despertar a oralidade dos alunos e trabalhar o texto e fazer questionamentos a respeito do assunto. Verificamos que a metodologia utilizada pela professora está sempre ancorada no livro didático. Acredita-se que o material didático deve ser utilizado como uma ferramenta auxiliar no trabalho do docente e não como fator indispensável. Isso porque ele deve se adequar a situação da aula para qual ele está dando suporte e não a aula se adequar a ele.

A avaliação que a professora faz a respeito da oralidade de seus alunos é que seus alunos são bem criativos e participativos, não ficam calados com nada.

Constatamos que o desenrolar das aulas dá-se de forma automática, pois é sempre explicitação de conteúdo e resolução de tarefas. Os alunos, por sua vez, atendem

a essa expectativa do professor, assistem às explicações e resolvem as questões mesmo que, muitas vezes, sem um interesse efetivo. Portanto, recebem essa postura metodológica de forma passiva.

## CONCLUSÕES

A partir das experiências até agora relatadas podemos tecer algumas considerações quanto ao modelo educacional que vigora em nossas escolas. Constatamos que o desenrolar das aulas dá-se de forma automática e repetitiva, pois é sempre explicitação dos conteúdos e resolução de tarefas, aqui concluímos esse relato que, como vimos, aponta muitas deficiências enfrentadas pelos educadores no cotidiano escolar, em que a escola separa a Língua Portuguesa em aula de produção de texto, aula de gramática e aula de literatura. Para a professora fica, então, a difícil tarefa de tentar encontrar uma forma de, em algum momento, tentar mostrar para os alunos os vínculos existentes entre esses conteúdos. Mais, fator agravante é que a professora não consegue trabalhar a oralidade de maneira concreta, com diversos gêneros textuais que possam manter e aprimorar os comportamentos sociais da interação verbal, onde promova experiências com atividades discursivas de produção de textos orais e escrita.

Tínhamos como questão norteadora: investigar as práticas pedagógicas acerca da oralidade das professoras da Zona Rural. Para alcançarmos isso, propusemos como objetivos específicos: 1. Analisar o planejamento da professora, 2. Identificar os recursos didáticos utilizados pelas professoras no trabalho com a oralidade e 3. Identificar as formas de avaliação adotada pelas professoras para avaliar a oralidade.

Tendo como referência os dados apresentados e analisados a partir das observações e das intervenções, acreditamos ter respondido nossa questão norteadora e alcançado os objetivos propostos. Ficou muito claro que a professora não consegue realizar um trabalho com o eixo da oralidade em suas aulas, pois as atividades são repetitivas e superficiais (ler o texto em voz alta, procurar os significados das palavras desconhecidas no dicionário, ler o significado em voz alta, copiar as atividades no caderno e responder). Apesar de haver a inclusão da oralidade nos PCN de língua portuguesa e de muito se discutir sobre o assunto, o professor continua sem saber o que fazer (e como) trabalhar a oralidade nas aulas, acham que trabalhar a oralidade em sala de aula é apenas ler histórias e fazer questionamentos a respeito do texto lido.

O que dificultou minha pesquisa foi que a professora não disponibilizou os seus planejamentos para ser analisado.

Em nenhum momento a professora mostrou que faz o que os PCN sugerem: uma análise da conversação espontânea, seus aspectos linguísticos e discursivos, ou a

observação das diferenças de abordagem dos temas, de acordo com a modalidade oral ou escrita-atividades. Segundo Marcuschi (1997) isso é muito importante para mostrar como se estruturam os textos orais. Assim, o que poderia ser um material de suporte para o professor acaba reforçando a confusão sobre o trabalho com a oralidade e não colabora para desfazer as dúvidas que os profissionais da área carregam desde a sua formação.

Enfim, vemos que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos nossos educadores no processo de ensino-aprendizagem, mas acreditamos que, com pequenas atitudes, um dia, chegaremos ao ideal desejado, pois ainda acreditamos na melhoria do nosso sistema de ensino. E ao tornamos cômicos dessa necessidade de melhoria, nos empenharemos ainda mais para vê-la efetivada.

Aqui concluímos este relato que, como vimos, aponta muitas deficiências enfrentadas pelos educadores no cotidiano escolar. Contudo, consideramos este trabalho de suma importância para a nossa experiência no contexto escolar, tendo em vista que atuaremos, futuramente, na carreira do magistério. Aqui tivemos a oportunidade de percebermos o que pode ser aproveitado e de pensar maneiras de melhorar o que se mostrou deficiente, pois a educação precisa de profissionais que, como conhecedores de sua importância, busquem seu próprio aprimoramento.

No entanto, para que o ensino de língua portuguesa não se concentre apenas em normas rígidas de gramática é preciso que o professor compreenda que a língua materna só será efetuada com sucesso quando a escola estimular a capacidade cognitiva e linguística do aluno através da sua competência oral e escrita e quando entender e transmitir para os discentes que a língua é viva e sua dinamicidade é consequência das sucessivas transformações ocorridas ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997, 144p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Ensino Médio**. 2000.

CASTILLHO, A. T de. **A língua falada no ensino de português**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2001, 158p. SILVA, M.B. da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, M.(org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002.p. 253-265.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**/Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra. 1996(Coleção Leitura)

LIBÂNEO, J.C. Produção de saberes na Escola. IN: CANDAU (Org.) **Didática, currículo e saberes escolares- Rio de Janeiro, DP&A, 2000**.

MARCUSCHI, L, e DIONISIO, A (Org.). Fala e Escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luiz A. Da Fala para a Escrita: atividades de textualização. São Paulo: Cortez 2001.

MARCUSCHI, Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Graus: uma visão crítica. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 30:39-37-79,1997

SILVA, M.B. da. A escola, a gramática e a norma. In: BAGNO, M.(org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002.p. 253-265.

TRAVAGLIA, L. C. Concepção de gramática. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 24-37.

TRAVAGLIA, L. C. Como tem sido o ensino de gramática nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: **uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 4ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VIEIRA, Iúta Lerche. **Escrita**: para que te quero? Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2005.



**APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA 3º ANO  
FUNDAMENTAL**

Pesquisadora: - Nome?

Professora:- Ângela.

Pesquisadora:- Tempo de magistério?

Professora:- Dezoito anos.

Pesquisadora: - Quanto tempo atua no ciclo de alfabetização?

Professora: - Dezoito anos.

Pesquisadora:- No ensino de LP, como você trabalha o eixo da oralidade com seus alunos?

Professora:- Trabalho o eixo da oralidade, através de histórias para desenvolver neles a perspectiva de gosto pela leitura, com perguntas orais, fazendo questionamentos orais após a leitura de uma história ou texto. Trabalho com os alunos sempre fazendo perguntas utiliza os personagens e gravuras algo mais criativo que puder, para ver se desperta nos alunos o gosto pela leitura.

Pesquisadora: - Quais recursos didáticos que você utiliza para trabalhar a oralidade com seus alunos?

Professora: - Na hora da roda de conversa, através de questionamentos. O recurso didático mais utilizado para despertar a oralidade dos alunos e trabalhar o texto e fazer questionamentos a respeito do assunto.

Pesquisadora: - Como você avalia a oralidade dos seus alunos?

Professora: - Considero meus alunos bem criativos e participativos, não ficam calados com nada. No momento da aula que apresento o tema, os alunos observam através da observação todos dão sua opinião. Em minha opinião a oralidade é um dos principais pontos, para conseguir a alfabetização e para o aluno poder se sair melhor em sua vida cotidiana e em todos os setores sociais.

## ANEXO A - ATIVIDADE DO PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO (09/10/2014)

ATIVIDADE 17 ■ DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### O galo e a raposa

No meio dos galhos de uma árvore, bem alta, um galo estava empoleirado e cantava a todo volume. Sua voz esganada ecoava na floresta. Ouvindo aquele som tão conhecido, uma raposa que estava caçando se aproximou da árvore. Ao ver o galo, lá no alto, a raposa começou a imaginar algum jeito de fazer o outro descer. Com a voz mais boazinha do mundo, cumprimentou o galo dizendo:

- Ô meu querido primo, por acaso você ficou sabendo da proclamação da paz e harmonia universal entre todos os tipos de bichos da terra, da água e do ar? Acabou essa história de ficar tentando agarrar os outros para comê-los. Agora vai ser tudo na base do amor e da amizade. Desça para a gente conversar com calma sobre as grandes novidades!

O galo, que sabia que não dava para acreditar em nada do que a raposa dizia, fingiu que estava vendo uma coisa lá longe. Curiosa, a raposa quis saber o que ele estava olhando com ar tão preocupado.

- Bem - disse o galo -, acho que estou vendo uma matilha de cães ali adiante.

- Nesse caso, é melhor eu ir embora - disse a raposa.

- O que é isso, prima? - disse o galo. - Por favor, não vá ainda! Já estou descendo! Não vá me dizer que está com medo dos cachorros nesses tempos de paz!

- Não, não é medo - disse a raposa -, mas... e se eles ainda não estiverem sabendo da proclamação?

**Moral:** Cuidado com as amizades muito repentinas.

ESOPO. Fábulas de Esopo. Compilação de Russel Ash e Bernard Higton; tradução de Heloisa Jahn. 8 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 22.

1. De acordo com o tipo, esse texto é classificado como

- (A) informativo. (B) descritivo.  
(C) narrativo. (D) argumentativo.

2. Quem são os personagens dessa história?

3. Qual era a intenção da raposa?

- (A) Proclamar a paz entre todos os bichos da terra, da água e do ar.  
(B) Ficar amiga do galo.  
(C) Fazer o galo descer da árvore para comê-lo.  
(D) Ficar amiga do cachorro.

4. Para convencer o galo a descer da árvore, a raposa contou-lhe uma mentira. Como o galo fez para afastar a raposa dali?

---



---



---

5. A raposa resolveu ir embora porque

- (A) o galo não quis descer da árvore para conversar com ela.  
(B) estava apressada, pois ainda tinha que procurar o que comer.  
(C) teve medo de encontrar-se com os cachorros que se aproximavam.  
(D) não estava interessada em ser amiga dos cachorros.

6. O texto "O galo e a raposa" é uma fábula. Quais as características desse gênero textual?

---



---



---

7. Sublinhe os pronomes pessoais do caso oblíquo que aparecem nessas frases.

- a) Enviçei-lhe um livro para que ele pudesse estudar.  
b) Ontem, eu o vi no centro da cidade.  
c) Sei que Marta saiu hoje, cedo, mas eu não a vi.  
d) Quando vi meus amigos, abracei-os carinhosamente.  
e) Ângela não cabe em si de tanto orgulho.